



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – Ida
Departamento de Artes Cênicas - CEN

Marina de Castro Rego Vanderlei

Escola: um lugar para o teatro

Brasília – DF
2018

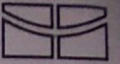
MARINA DE CASTRO REGO VANDERLEI

Escola: um lugar para o teatro

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof. Dr^a Ângela Barcellos Café

**Brasília – DF
2018**



MARINA DE CASTRO RÊGO VANDERLEI

ESCOLA: UM LUGAR PARA O TEATRO

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à UnB/Universidade de Brasília/Instituto de Artes/CEN, como requisito para obtenção do título de Licenciatura - Artes Cênicas, com nota final igual a MS, sob a orientação da Professora Ângela Barcellos Café.

Brasília, 05 de julho de 2018.

Professora Doutora Ângela Barcellos Café
Orientadora

Professor Doutor Luis Carlos Ribeiro dos Santos - UnB
Examinador

Professor Mestre Rafael Augusto Tursi Matsutacke - UnB
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus familiares, amigos e a todos aqueles que um dia acreditaram em mim neste curso de graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Andrea de Castro Souza Rêgo, ao meu pai Denilson Di Carlantônio Vanderlei, às minhas avós, aos meus irmãos e aos meus padrinhos pelo apoio e por acreditarem em mim. Foram eles que me incentivaram e que me fizeram ter coragem para finalizar esta graduação. Além disso, foram eles que fizeram de mim o que eu sou hoje.

Agradeço também, com todo o meu coração aos amigos Luiz Carrier e Clarissa Melasso que entraram junto comigo e que sempre deram todo o apoio do mundo para seguir em frente. Foram eles que me jogaram para frente e que sempre estavam ali dando suporte e não me deixando desistir das disciplinas, nem dormir nas aulas e muito menos deixar de fazer os trabalhos. Se não fosse por eles, eu não estaria onde estou hoje.

Agradeço aos amigos de vida que acompanham minha jornada diária: Galileu Fontes, Lucas Lima, Mayara Moreto, Marina Rodrigues, Thiago Linhares, Alessandra Campos, Carolina Franklin, Carolina Germano, Gabriel Morgado.

Meus sinceros agradecimentos à Armando Villardo e Alcinea Paz, que me engajaram neste mundo das artes cênicas desde os meus cinco anos e que até hoje seguem me dando lições e sendo meus diretores.

Agradeço, com muito orgulho e respeito, aos mestres que tive a honra de conhecer e aprender durante esses anos: Nitza Tenenblat, Fernando Villar, Cyntia Carla, Léo Sykes, Fabiana Marroni, Sulian Vieira, Lívia Bennet, Rafael Tursi, Sônia Paiva, César Lignelli, Luiz Carlos ou Luiz Laranjeiras.

E por fim, um agradecimento mais que especial à minha orientadora Ângela Café, que me acolheu e entrou nesse meu mundo confuso e paralelo me ajudando a enfrentar este desafio. Depois de muitos conselhos, broncas, elogios e fé conseguimos chegar aqui. Sem ela, provavelmente, ainda não estaria finalizando esta etapa.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	7
2 – O ENSINO DE TEATRO	10
3 – AS PALAVRAS	15
3.1- A Importância das palavras em um texto	15
3.2 – Como trazer sentimento ao texto	19
3.3 – Descobrindo o Personagem	22
4 – JOGOS	26
4.1 – Jogos Teatrais	26
4.2 – Jogos com palavras	30
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	38
WEBGRAFIA	39

Lista de Figuras

Figura 1: Tabela retirada da BNCC – P.13

Figura 2 : Professora conversando com alunos – P.17

Figura 3: Alunos de um curso de teatro fazendo exercício – P.27

1 - INTRODUÇÃO

Esta monografia trata a importância que o teatro tem na vida das pessoas, e como ele se desenvolve no ambiente escolar sob múltiplas perspectivas. O interesse deste estudo é o desenvolvimento dos alunos por meio do ensino de teatro na escola, e os elementos usados por este ensino para que a experiência e/ou conhecimento seja aplicado.

Para abordar o assunto, escolhi a minha experiência no ensino fundamental – anos iniciais, trazendo exemplos práticos dos alunos do 4º e 5º ano. A fase de letramento e alfabetização da criança, abre uma possibilidade de trabalho com o ensino de teatro através de um dos seus elementos: a palavra, que é explorada em diversas linguagens, e que, particularmente, é uma das mais bonitas formas de se expressar, seja como aluno, seja como ator. Esse foi o primeiro ponto que me chamou atenção, a palavra como centro deste estudo. Porém, do decorrer da pesquisa percebi que precisaria de um tempo e aprofundamento que não cabe no presente trabalho. Pesquisar mais profundamente a palavra vai me exigir acompanhamento de um processo de letramento durante a alfabetização.

Como as palavras estão presentes durante todo o ciclo da vida dos seres humanos, iremos explorar o seu significado e funções no ensino teatral, pois o uso das palavras se aperfeiçoa com o tempo e passa a ser mais complexo, pelo fato de que elas vêm acompanhadas de intenções, emoções, tons e sentimentos à medida que vamos utilizando-as.

A alfabetização e o letramento se iniciam antes da entrada das crianças na escola, porém são formalizados no ensino fundamental. A alfabetização está mais ligada ao sistema escrito de uma língua. Para Soares, “alfabetização em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita” (2011, p. 15). Por outro lado, o letramento busca a interação social ao ampliar o entendimento da leitura e da escrita. “O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES, 2010, p.18).

A partir deste assunto, passamos a entender melhor a existência das palavras nos textos que chegam à nós. Um texto não é simplesmente um texto. Se ele existe é porque ali tem uma história a ser contada, ou uma experiência vivida por uma outra pessoa que quis compartilhar com o mundo. Mas, por que um texto? Porque as palavras são a forma de comunicação mais evoluída que temos para compartilhar nossos conhecimentos e aprender com outras pessoas, seja pela forma falada seja pela forma escrita. A diferença é que quando escrevemos, tornamos aquilo eternizado para futuras gerações, assim como para as passadas também.

Ao ler textos, que podem ser peças teatrais ou não, interpretamos as histórias ali contadas da nossa maneira, mas isso não significa que é a verdade inquestionável. É aí que está a maravilha das palavras e seus significados, a forma que eu as interpreto, pode não ser a mesma que a de outras pessoas, e as palavras que são fortes para mim, pode não ter valor significativo para outras. Não só para mim, estudante das artes cênicas, mas também para estudantes e profissionais de outras áreas que vivem trabalhando com as palavras.

Ao analisar as palavras e como estas estão envolvidas no ensino de teatro, para dar continuidade ao desenvolvimento do aluno utilizamos os jogos teatrais, que serão realizados no coletivo ou até mesmo individualmente.

O jogo teatral irá desenvolver uma linguagem mais corporal com o ensino de teatro, além de buscar uma relação social e intelectual dos alunos. Contudo, ele também pode ser uma forma de estudo que amplia o entendimento das palavras, podendo trazer vivências e expandindo o conhecimento dos alunos, pois:

No processo de alfabetização, por exemplo, os trava-línguas, jogos de rima, lotos com palavras, jogos da memória, palavras cruzadas, língua do pé e outras línguas que podem ser inventadas, entre outras atividades, constituem formas interessantes de aprender brincando ou de brincar aprendendo. (BORBA, 2006, p. 43).

Esta forma de ensino, onde podemos relacionar os temas de estudo é uma das características do ensino de teatro, porque as artes têm a capacidade de englobar diversos assuntos, isto é, conseguem desenvolver diversos temas da sua maneira. A diferença entre o ensino de teatro para os outros ensinos é a capacidade

de explorar o aprendizado, ou seja, tornar o desenvolvimento e a compreensão mais leves, divertidos e ao mesmo tempo necessários e de extrema importância. Como por exemplo, aprender a ler e escrever por meio de jogos, que é uma maneira de captar uma atenção maior dos alunos por estarem se divertindo enquanto aprendem.

Temos então os elementos do ensino de teatro que serão aprofundados neste trabalho: palavras e jogos teatrais. Esses elementos mostrarão possibilidades de se trabalhar o teatro, além de ajudarem a explicar o que ele é, como pode ser trabalhado e porquê tê-lo incluído nas escolas. Juntamente com estes elementos será colocado relatos de experiências pessoais adquiridas em três unidades de ensino diferentes com alunos do ensino fundamental, anos iniciais para fortalecer sua importância e influência dentro e fora do ambiente escolar.

O que espero com este trabalho é aprofundar tanto o meu conhecimento como os dos outros sobre a importância que o teatro tem, não só nas escolas, mas também no dia a dia, podendo transformar nossa forma de falar, agir e entender o mundo. Quero deixar este trabalho registrado para que gerações futuras entendam e aprimorem nosso entendimento e a importância que damos às artes, seja ela como for.

Como metodologia foi utilizado o Relato de Experiência, que utilizou a observação etnográfica (André, 2008), as experiências de Estágio e a pesquisa bibliográfica que subsidiaram o aprofundamento das análises e reflexões apresentadas. Assim, depois dessa breve apresentação, seguem os capítulos com seus resumos:

No capítulo 2, intitulado: “ O Ensino de Teatro”, aborda a maneira que o teatro é trabalhado nas escolas, além de mostrar os pontos positivos que esta arte traz tanto para as outras disciplinas como também para a vida fora da escola, pois é uma parte importante no aprendizado e formação das crianças. Outro assunto comentado será a dificuldade que o teatro tem dentro das escolas, por ter alguns obstáculos que o impedem de evoluir.

Já no capítulo 3, o tema abordado serão as palavras e como essas são importantes no dia a dia, assim como nos textos em geral, mas especificamente no

texto teatral. Elas são o meio de comunicação que conhecemos a mais tempo e um dos mais utilizados. Com as palavras encontramos diversas entonações, significados, informações, além de sentimentos, quando bem trabalhadas. Veremos também que é possível através das palavras criar personagens e a partir disso encontrar sua caracterização.

Por fim, mas não menos importante, no capítulo 4 trataremos os jogos teatrais, juntamente com seu conceito e como estes são utilizados no ambiente escolar para várias finalidades, desde a organização dos alunos à exercícios que irão estimular a criatividade, superar a timidez dentre tantos outros fins.

2 – O ENSINO DE TEATRO

O teatro é um dos diversos ramos das artes cênicas, e este utiliza a interpretação e/ou atuação para contar histórias, inspirar e compartilhar mensagens para a plateia que está presenciando aquele momento, por exemplo.

Enquanto em outros tempos o teatro focava na ação de contar histórias e louvar aos deuses, hoje em dia esta arte ganhou novas maneiras de ser entendida e compartilhada, por exemplo, como forma de integração social, superação da timidez, dificuldades com a fala, ajuda na concentração, entre tantas outras contribuições na área do desenvolvimento integral do ser humano. Por essas razões se encontra atualmente presente nos documentos das escolas.

Porém, mesmo com tantas finalidades e tantas contribuições para a formação de crianças e adultos, o teatro tem bastante dificuldades diante do mundo em que vivemos, por não ter espaço e nem a liberdade necessária para realizar seus projetos e cumprir seus objetivos.

Mesmo em meio de tantas dificuldades, é possível reconhecer que o ensino teatral pode se concentrar em praticar e tornar possível aquilo que está ao seu alcance. As escolas têm um currículo à ser cumprido, que indica a presença das linguagens artísticas em suas atividades cotidianas:

O compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais (BNCC, 2018, p.197).

É comum nas escolas que os professores explorem a leitura dos alunos em sala de aula, ainda mais no 4º e 5º ano do ensino fundamental, onde os alunos já sabem ler, mas estão no período que buscam os significados das palavras. Porém, com o ensino de teatro a leitura se torna diferente, pois além de darem significados às palavras, começam a trazer entonações, isto é, criam em cima do que está escrito. E aqueles que estão apenas escutando, criam reações internas com o que escutam, ou seja, tem pensamentos como reação, desenvolvendo assim uma linguagem não verbal, como foi dito na citação acima.

Um exemplo disso, aconteceu na instituição na qual dou aula: entreguei recentemente um texto teatral e dividi os personagens. Ao ler o texto, cada um com seu personagem, os alunos tinham reações como caretas, gestos, risadas, entre outros. Então além de praticarem a leitura, isto é, a linguagem verbal, também estavam praticando a linguagem não verbal ao terem reações e pensamentos com o que entendiam da história.

Desde quando o teatro foi inserido nas escolas, novos métodos, experiências e objetivos que ampliam o aprendizado das crianças foram desenvolvidos, e de acordo com os documentos do MEC, o teatro é capaz de conversar com outras disciplinas por meio de interações, jogos e brincadeiras que norteiam o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança no Ensino Fundamental.

Um exemplo disso, foi em outra escola em que estagiei. Lá, todas as artes e não só o teatro, possuem sua importância, e as crianças têm bastante contato com elas, seja com música, visuais ou cênicas. Além disso, os professores procuram trabalhar essas linguagens dentro de outras disciplinas, seja fazendo uma música para lembrarem da tabuada, ou fazendo desenhos para representar o meio ambiente na aula de biologia, por exemplo.

Porém, esses métodos citados só são aceitos porque os professores que se utilizam da arte como ferramenta, não são arte educadores, são pedagogos. Isto mostra mais uma vez a importância da arte na escola, além da importância do

professor de arte em sua formação específica nesta fase de ensino. E este fator só foi contemplado na última emenda da LDB 9394/96 de 2017.

Outra qualidade da escola, é que os professores de artes expõem os trabalhos de cada aluno nos corredores e nas salas para que todos tenham acesso aos resultados que os outros obtiveram. Esta escola é um exemplo a ser seguido por outras unidades escolares, que preservam a arte sem retirar a importância das outras disciplinas.

Outro fator importante que observei é que na Instituição também há espaço para atividades extracurriculares, onde o professor tem mais espaço para trabalhar com os alunos e se aprofundar nos exercícios teatrais que movimentam o corpo, a fala e que buscam uma maior integração entre o grupo de alunos.

Ter um espaço, ou melhor, um palco para atividades teatrais nas escolas é um quesito desejado por muitos arte educadores, pois tendo um ambiente com uma estrutura diferenciada de uma sala de aula, os alunos teriam uma experiência distinta, além de uma aproximação maior com alguns elementos do teatro. O processo de leitura, entendimento e dominação do texto pode ser facilmente trabalhado em salas de aula, mas no momento em que corpo, espaço e coletivo começam a ser trabalhados, as salas, muitas vezes não são os locais ideais para serem utilizadas. Mas como temos prazos, objetivos e compartilhamentos a serem cumpridos, trabalhamos com o que nos é ofertado.

Percebe-se então que, o teatro na escola, contribui para a formação de pessoas que saibam se comunicar e descubram mais sobre a identidade de cada um, aceitando o outro à sua maneira, ou seja, aprendendo a viver com o coletivo.

O teatro pode ser visto e analisado de diversas formas e sob diversos pontos de vista, e isso não significa que algum deles é errado. Muito pelo contrário, as diferentes ideias sobre um mesmo tema, o faz ser grande e mais importante do que seria se fosse algo definido e fechado. Uma das qualidades do ensino de teatro nas escolas é justamente aceitar e acolher os erros transformando-os em acertos. Já dizia Albert Einstein: “o erro é condição para o progresso da ciência”. Assim sendo, as outras disciplinas deveriam aprender com o teatro esta tática de ensino para encontrar novas maneiras e ter novas experiências ao dialogar com os alunos, pois

afinal de contas “quem nunca cometeu um erro, nunca tentou algo novo” (Albert Einstein).

Diferente do seu amplo conceito, os objetivos do teatro são mais diretos, ou seja, as pessoas que praticam o fazer teatral querem ver os resultados esperados, como trabalhar a auto estima, timidez, melhorar a dicção e impostação da voz, ter um corpo presente, se socializar, entre outros. Porém, o que, na maioria dos casos, realmente importa é o processo, isto é, o aprendizado, a troca de experiências e de noções. O resultado, que muitas vezes é apresentado no formato de uma peça, é uma espécie de conclusão que se dá ao final do processo e que engloba a maior parte do que foi adquirido ao longo das aulas, mas que não necessariamente, irá englobar tudo o que foi abordado.

A mesma situação acontece nas escolas, onde pais e professores exigem que o desenvolvimento e aprendizado de seus filhos seja demonstrado na apresentação final, sendo que o processo pelo qual passam, e que será colocado abaixo, também tem sua importância, assim como tudo aquilo que aprendem na escola.

Ensino Fundamental de acordo com a BNCC (p.200 e 201) :

Teatro	Contextos e práticas
	Elementos da linguagem
	Processos de criação

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.

Figura 1

Estes conceitos e práticas apresentados na tabela, servem, ao meu ver, como um guia para os professores, pois ao final do ano todos esses quesitos devem ser cumpridos e passados para seus alunos. A metodologia abordada para que esses aprendizados sejam realizados pode ter diversas variações dentro do ensino de teatro, seja jogos, contações de histórias, leituras, entre outros.

Com a vivência adquirida nas aulas, aprendemos sobre e a fazer teatro utilizando a comunicação entre alunos e professores, atores e diretores, som e luz, atores e plateia. E a comunicação é um dos objetivos que o teatro traz tanto para a ficção como para a realidade, pois tudo deve conversar e se interligar de alguma forma. Por exemplo, no ambiente teatral uma função depende da outra: para que uma música seja colocada, o sonoplasta aguarda a deixa do ator que está em cena, assim como o iluminador trocará a luz do ambiente quando a música começar, entre tantos outros fatores.

Pode parecer estranho comparar o teatro com a vida, mas assim como na vida temos nossos objetivos, como conseguir um emprego ou encontrar o amor, no teatro também existem objetivos para serem cumpridos seja para se comunicar melhor, para trabalhar a timidez ou até mesmo “promover o desenvolvimento afetivo e a construção de valores humanos” (FERREIRA, 2009, p. 24), que serão aplicados na vida real.

Além de tudo o que já foi retratado, o teatro também pratica o uso das palavras dentro do texto, ou seja, faz o estudo delas para dar à intenção que o texto pede. Quando falamos de teatro, já imaginamos que um texto será abordado, o que

nos leva à importância das palavras em um texto, seja em uma peça, livros, receitas, orações, entre outros, as palavras têm bastante significado.

Nas escolas, por exemplo, as palavras estão presentes nos livros didáticos, nas histórias e nas explicações dos professores. Ensinar, não é uma tarefa fácil, e construir conhecimento através das palavras para que haja o entendimento também não. E é por isso que o estudo sobre a palavra é tão importante no teatro, para que saibamos o que dizer, como dizer e por que estamos dizendo.

Portanto, o professor é a figura presente na sala que deve instruir os alunos e junto com eles descobrir e aprimorar a linguagem que está sendo estudada naquele ano em que se encontram, seja por meio de jogos teatrais, que serão mencionados mais à frente deste trabalho; criações, que fazem parte do mundo lúdico que a criança leva consigo nesta idade; contação de histórias, que podem trazer uma visão histórica e fatos da evolução do teatro que podem servir de referências para os alunos, entre outros, ampliando assim seu desenvolvimento e compreensão.

3 – AS PALAVRAS

3.1- A Importância das palavras em um texto

Um texto é composto de palavras, e são elas que dão vida ao assunto que será abordado.

Coloquemos aqui de início o significado de palavra:

Palavra é um termo, um vocábulo, uma expressão. É uma manifestação verbal ou escrita formada por um grupo de fonemas com uma significação. Do latim *parábola*. Palavra é um conjunto de sons articulados que expressam ideias e são representados por uma grafia, formada por uma reunião de letras, que quando agrupadas formam as frases. (SIGNIFICADOS, 2014, p.1)

Uma palavra sozinha é apenas uma palavra com o seu próprio significado, porém quando juntamos diversas palavras em um texto elas passam a contar uma história, conduzir diversos pensamentos e nos fazem entender sobre assuntos múltiplos.

É possível tomar conhecimento de praticamente todos os assuntos com imagens e gestos, todavia, as palavras existem para melhorar e aprimorar nosso entendimento sobre o assunto a ser abordado, além de aprofundar nosso conhecimento.

Investigando importância das palavras nos textos, é importante que se entenda o porquê daquela palavra estar ali naquele contexto. Traremos para esta discussão o texto teatral como foco, pois afinal de contas estamos falando sobre artes cênicas.

Um texto teatral é composto de cenas, personagens, cenários, rubricas, falas, enfim, tudo o que se passa em uma peça. Ele é o nosso piloto. Porém, são as falas dos personagens que nos interessam no momento.

Sabemos que no teatro os atores não irão apenas cuspir as palavras que estão no texto, até por que no teatro devemos trazer sentimento e intenção para as nossas falas. Mas, falaremos sobre esses tópicos mais adiante. O primeiro passo é entender o motivo de tais palavras estarem no texto e a importância delas ali para que a trama tenha continuidade.

Às vezes, o personagem não tem falas extensas, ou um grande monólogo para dizer o que sente ou explicar o que está se passando em sua mente. Mas, aquelas poucas palavras, quando bem ditas e com uma entonação adequada, são de um peso tão grande para o texto e para a cena que as pessoas se emocionam, ficam em silêncio e entendem tudo o que o ator sente, sendo envolvidos na compreensão da cena.

Muitos atores que não procuram falar bem, que não prestam atenção nas palavras, pronunciam-nas com uma velocidade tão desleixada e irrefletida, sem lhes pôr nenhuma entonação final, que acabam deixando suas frases completamente mutiladas, ditas apenas pelo meio. (STANISLAVSKI, 2014, p. 302)

Claro que não é somente a palavra que está envolvida nesta situação. A tensão, respiração, emoção que existe ali naquele momento colaboram para uma maior motivação do público e dos atores, mas foram aquelas palavras que deram sentido a tudo que estava acontecendo.

Por isso, ao se produzir um texto, os escritores pensam em cada detalhe e no peso que as palavras vão trazer à cena. Assim como os atores ao lerem suas falas,

entendem o que o personagem está passando e fazem uma pesquisa sobre o significado daquelas palavras para aquela cena.

Podemos então dizer que se bem escolhidas e interpretadas, as palavras podem transformar um texto em algo muito maior do que somente uma folha de papel com termos e linhas.

Quando colocadas em um texto, as palavras trazem experiências, explicações e histórias que serão para sempre lembradas, e serão uma espécie de guia para as próximas gerações.

As palavras têm sua importância em qualquer ocasião, seja escrita ou falada. Quando são apresentadas em uma linha lógica não precisamos forçar o pensamento para entender o que está sendo dito, pois a própria palavra já é autoexplicativa.

Porém, é importante escolher as palavras com calma na hora de interagir com os alunos, do 4º ano no caso, porque como estão começando a entender e conhecer os significados, pode ficar confuso no momento de alguma explicação em que escolhemos palavras que possam ter um duplo sentido ou algo parecido, por exemplo. Uma maneira de cativar e buscar a atenção das crianças é a aproximação e a utilização de uma linguagem mais parecida com a deles.



Figura 2

Ao observar uma aula de teatro para alunos do 4º ano, percebi que uma das características da professora era exatamente ficar o mais próximo possível dos alunos e falar palavras simples para se comunicar com eles. Uma tática que ela utilizava para ganhar a atenção e o carinho dos alunos era fazer piadas, brincar e escutá-los sempre que possível, criando assim um vínculo. A partir daí ela conseguia propor diversas atividades e explorar as palavras de maneiras diferentes, desenvolvendo assim aos poucos a assimilação dos significados e o desenvolvimento desses alunos.

O poder que as palavras têm tanto no texto teatral como no ato da comunicação é enorme. Porque são elas que nos transformam, que nos fazem refletir e que nos informam. São elas que dão impacto na fala ou em uma apresentação. São elas que mostram se você sabe e está seguro sobre o assunto que está falando.

Após a leitura de diversos artigos sobre palavras e sua importância, um se destacou por nos levar direto ao ponto e mostrar o que a palavra pode fazer:

Palavras são mais do que apenas palavras. Na batalha de ideias, as palavras podem se tornar uma poderosa força de mudança. (...) Palavras podem também entorpecer as massas, inflamar o medo, jogarem as pessoas umas contra as outras, suprimirem a verdade ou criarem regimes ditatoriais. (...) (LEGEY, 2018, p.1).

Portanto, notamos que as palavras estão presentes em diversas situações e que em cada uma delas elas têm sua importância e seu modo de atuar. Uma mesma palavra pode chegar para uma pessoa como um elogio e para uma outra como uma ofensa, por exemplo. Isso depende da maneira que a palavra foi dita, com que tom foi usada e em algumas circunstâncias, até por quem foi dita. Como assim? Nosso comportamento dentro dos diferentes grupos sociais, pode mudar de acordo com a companhia que está presente. Se um amigo meu me xingasse por algum motivo, a minha reação seria diferente do que se uma pessoa que nem conheço direito utilizasse o mesmo termo, por exemplo.

Voltando às palavras no texto, em Criação de um Papel, Stanislavski diz: “Geralmente as falas da peça só se tornam indispensáveis para o ator na última etapa de seus preparativos criadores, quando todo o material interior que ele acumulou já se cristalizou.” (1995, p.108). Contudo, para crianças do Ensino Fundamental, são as falas que dão segurança para elas e as fazem chegar em sua criação final, portanto, se desapegar do texto não é uma opção para eles nesta fase de aprendizado e desenvolvimento. Na minha opinião, não é deixando para traz aquilo que conquistamos que vamos conseguir seguir em frente, mas sim aperfeiçoar aquilo que já conquistamos para continuar o processo de criação.

3.2 – Como trazer sentimento ao texto

Falar sobre sentimentos não é uma tarefa fácil, tanto que existem especialistas que se aprofundam nesta área para ter um conhecimento mais apurado sobre este assunto. Contudo, falando de uma forma mais geral,

percebemos que na nossa rotina há muitas pessoas que escondem seus sentimentos, e outras que se escondem atrás deles. Mas, além disso, tem aquelas que nem sabem dizer o que estão sentindo, ou seja, tem dúvidas sobre eles ou os confundem com as emoções, que são adjuntas aos sentimentos, assim como as expressões e as entonações, que no ensino de teatro são trabalhadas como artifícios que podem contribuir para que os atores cheguem no ápice do envolvimento desejado.

O texto é composto apenas de palavras que estão ali fazendo o seu papel de dar significado e importância às falas e à história. Após ler com muita atenção, o ator/aluno passa para a próxima etapa, que é a de trazer intenção àquelas palavras e frases. Ao conhecer a história, o aluno precisa começar a explorar as emoções do personagem em cada momento. Como se faz isso?

Na primeira leitura do texto em voz alta, como ainda não se conhece a história, é comum ser uma leitura sem muitas entonações, ou seja, uma leitura de mesa. É apenas um primeiro contato de conhecimento.

A partir da segunda leitura, já é da intuição do ator querer trazer características específicas para as falas, pois é assim que passamos a dar cor ao texto, ou seja, brincar com as palavras que temos e dar novas interpretações ao que está sendo dito.

Quando há mais segurança no que lemos, passamos a gritar ou sussurrar, falar mais grave ou mais lento, rápido e fino, colocando intenções que conversem com o momento pelo qual a personagem está passando. E quando chegamos nesta etapa da leitura, testamos diversas formas de falar até encontrarmos uma que tenha um significado para nós enquanto personagens.

Quanto mais lemos o texto e temos contato com ele, mais nos aproximamos do personagem, buscando sempre emoções diferentes para uma mesma cena, pois quando lida de forma diferente, um novo sentido e significado é dado à história.

Estamos falando de emoções e entonações, mas até agora não chegamos no sentimento em si. Isso é por que o sentimento está na nossa mente subconsciente mais profunda.

As emoções e entonações são mais fáceis de ser acessadas por serem mais impulsivas, pois surgem como reações. Já o sentimento só vem quando refletimos sobre o que estamos vivenciando, quando passamos a racionalizar o significado daquelas emoções (TRUCOM, 2010, p.1).

Por este motivo, temos que ter confiança em trazer as emoções que funcionam para o entendimento do texto para que possamos acessar o sentimento e entender o porquê dele estar presente ali.

Já dizia Roberto Carlos Ramos, citado por Gislayne Avelar Matos¹: “A palavra é o elemento mais fantástico para trabalhar com a emoção das pessoas. [...] somos capazes de criar uma série de palavras que motivam as pessoas.” (MATOS, 2005, p.4)

Uma vez que o sentimento é apresentado, é muito difícil de lidar com ele, pois passamos a pensar em tudo o que nos levou a chegar nele e tudo o que ele provoca em nosso corpo e em nosso pensamento quando está presente.

Os sentimentos são muito fortes e nos fazem entrar em diversos porquês e lembranças que tivemos em relação a eles. E essas lembranças são facilmente acessadas se ouvimos uma música marcante, ou vemos imagens que nos remetem ao que já passou conosco. Essa área do sentimento é muito requisitada por nós, atores, porém difícil de ser explicada e vivenciada por nossos alunos.

Como podemos perceber, chegar ao sentimento de um personagem não é uma tarefa simples, mas existem artifícios que podem facilitar o caminho, como por exemplo: a voz.

Ao selecionar uma voz, que pode vir do peito, cabeça ou garganta, temos que levar em conta todas as características do personagem para colocá-la em ação no texto, pois muitas vezes, só o timbre da voz pode fazer o espectador, no caso, julgar o caráter no personagem antes mesmo de ouvi-lo dizer algo.

Este tipo de linguagem, quando bem utilizada, ganha uma inflexão particular ao trazer sentimentos à cena: alegria, raiva, tristeza, ciúmes, entre outros. Ao trazer esses sentimentos, ao dizer as palavras que temos em mente, já muda a forma como a personagem as transmite, pois, sem perceber, muda o timbre, a altura da voz e a frequência que fala. Isso acontece, pois palavras, voz e sentimentos devem trabalhar juntos para dar significado e força ao texto transmitido, fazendo assim com que os espectadores entendam o que está se passando e se apeguem ao que escutam de alguma forma.

¹ Mestra em educação, terapeuta sistêmica e especialista em arte terapia, arte- educação e contadora de histórias com duas obras publicadas. Roberto Carlos Ramos é um contador de histórias de Belo Horizonte, cidade da autora, um dos contadores populares apresentado em seus estudos.

É preciso definir então uma estratégia de treinamento capaz de flexibilizar o corpo do ator no sentido de torna-lo apto para produzir voz e palavra (...), mas abrindo espaço para a configuração de novos lugares de vocalidade em performance. (DAVINI, 2002, p. 59/60).

De acordo com o livro Sons em Cena – Parâmetros do som de César Lignelli (2014), professor de Voz e Performance em Artes Cênicas, os sons humanos, mais especificadamente, os sons da voz podem ser divididos entre: 1) Fala; 2) Chamado; 3) Sussurro; 4) Choro; 5) Grito; 6) Canto; 7) Boca chiusa; 8) Risada; 9) Tosse; 10) Ronco; 11) Gemido; etc.

Notamos então, que nossa voz consegue ir muito além do imaginado, e são essas características que fazem da nossa voz uma parte importante da construção da personagem e da evolução das falas do texto teatral, pois a partir de tantos artifícios que dela podem ser aproveitados, a criação do texto e a forma que as falas serão ditas tornam o trabalho do ator/aluno ainda mais prazeroso e desafiador por ter um leque de possibilidades.

3.3 – Descobrindo o Personagem

Dar vida à um personagem é mais do que o uso da imaginação. É um estudo amplo e com diversas camadas do ser humano a serem pesquisadas e exploradas. Não existe uma ordem a ser seguida ou regras para tal criação. Porém, diversos diretores criaram seus próprios métodos de ensino para situar e guiar seus seguidores.

Os estudantes e artistas do Teatro Arena ², assim como Augusto Boal ³, por exemplo, seguiam as teorias de Stanislavski sobre a criação dos personagens, ele dividia em técnicas/etapas os caminhos a serem percorridos:

² **Teatro de Arena** (1953). O Teatro de Arena ganhou força ao se fundir com o Teatro Paulista dos Estudantes e ao contratar Augusto Boal para dar aulas sobre Stanislavski. (<http://memoriasdaditadura.org.br/grupos/teatro-de-arena/index.html> visto 15:54 do dia 25/04/2018)

³ Augusto Pinto Boal foi a principal liderança do Teatro de Arena de São Paulo, na década de 1960. Criou o "teatro do oprimido"... (<https://educacao.uol.com.br/biografias/augusto-boal.htm?cmpid=copiaecola>)

- a) as técnicas externas: preparação rigorosa de corpo e voz, onde a criação vinha através de meios físicos.
- b) etapa sensorial: explorar as memórias através dos sentidos;
- c) memória: exercícios que exigem a reconstituição de um fato;
- d) imaginação: criar ou inventar histórias ou fatos/acontecimentos;
- e) a memória emotiva: esta fase visa destruir os mecanismos, isto é, os vícios do ator.

Voltando ao ponto, aqui estamos na etapa final da leitura de um texto teatral. Pode-se pensar que a parte difícil já passou e que podemos pegar tudo o que já adquirimos e apenas colocar no nosso corpo, mas não é bem assim que acontece.

Construir um personagem é muito mais do que falar suas falas nas intenções que a cena pede. Primeiro, é necessário saber o status e a idade que o personagem tem dentro do texto. Essas respostas nós adquirimos quando estamos fazendo uma leitura do texto mais atenta aos detalhes onde estamos conhecendo os personagens.

Ao iniciar o estudo de cada papel, devem antes reunir todo o material que tiver qualquer relação com ele e completa-lo, com imaginação cada vez maior, até construírem uma relação tão grande com a vida real que lhes seja fácil acreditar no que fazem. (STANISLAVSKI, 2014, p.83)

Para reunir este material necessário uma pesquisa deve ser feita sobre o papel a ser interpretado. Começando pela idade, que irá guiar a descoberta do corpo deste personagem. Se ele é velho, novo, agitado, calmo, enfim, características que sua imaginação irá colocar no seu corpo de alguma forma, seja encurvando a coluna, seja por meio de movimentos adequados para a idade. São milhares de opções que temos para criar e encontrar o corpo dito ideal e confortável para que viva o personagem.

Uma boa maneira de encontrar a forma do corpo é fazendo uma pesquisa de campo. Saia na rua, observe as pessoas caminhando e tente imitá-las. Este é um método que irá abrir o leque de possibilidades, pois você pode pegar diversas características e junta-las no seu corpo criando assim o seu personagem.

Se não tem tempo de sair para fazer tais pesquisas, por que não utilizar os filmes e séries para se inspirar? Como muitas pessoas preferem ficar em casa,

vendo televisão e usando a internet, pode ser uma maneira de encontrar referências para criar um corpo que seja diferente do seu e que dê vida ao personagem que irá interpretar. Após isso, é só tentar reproduzir aquilo que está vendo nas telas e tentar passar para o seu corpo, mas adaptando para o seu estilo e conforto.

Já o status irá lhe proporcionar a maneira com que o seu personagem se comporta na sociedade. Se ele é um pobre, trabalhador, por exemplo, ele teria um som de voz mais baixo demonstrando assim certo respeito por seus superiores. Porém, se o status dele for de presidente, sua voz será firme e ninguém falará mais alto que ele. Será uma pessoa respeitada por todos e que sempre está por cima.

Estes exemplos acima, são as verdades/clichês que a sociedade nos impõe a acreditar e representar, mas não são regras nem leis que devem ser seguidas. Se o trabalhador que você está representando for ousado e altruísta, que não tem medo de encarar a sociedade, mesmo com todos os seus preconceitos, então dê vida ao seu personagem e não ligue para o que os outros vão dizer. Dei os exemplos acima, para a explicação ser compreendida mais facilmente, mas não para serem interpretados como únicas verdades.

Foram exemplos simples, mas que na hora de trazer essas características para a prática, a função de criar será mais fácil e de acesso mais rápido, além de poder aprofundar ainda mais em detalhes de corpo e fala, sentimentos e entonações. Stanislavski, por exemplo, atribui extrema importância à formação total, global do ator – “[...] intelectual, espiritual, física e emocional” (Stanislavski, 1995, p. 10). Então, seguindo este pensamento, devemos nos preparar totalmente como atores e atrizes para seguir com a criação dos papéis.

Passada esta etapa de criação, falta a caracterização, que é importante para situar o público, e além disso, como estamos trabalhando com crianças do 4º ano, os alunos/atores se sentem mais confiantes e se apropriam mais de seus personagens quando caracterizados. Porém, não é algo obrigatório de se ter, é apenas um realce da criação do personagem.

Para caracterizar os personagens visualmente, é preciso lembrar dos estudos que foram feitos através da leitura. Lá é possível retirar todas as características necessárias para imaginar a caracterização do personagem em estudo e então executá-la de forma que seja fiel ao que o texto está dizendo. Às vezes, as características para que se forme uma imagem daquela personagem não estão tão

explicitas. É comum, as qualidades e defeitos do personagem aparecerem no desenvolver da história, até porque no início ele pode parecer algo e no fim mudar completamente seu jeito de ser. Por este motivo devemos estar atentos às mudanças, que se ocorrerem, também podem afetar a caracterização da personagem em alguns casos.

Em síntese sobre todo o capítulo 3 deste TCC, são as palavras que dão vida e sentido à história, são elas que nos fazem entender e querer entrar no mundo que nos está sendo apresentado, que nos trazem emoções, sentimentos e questionamentos. Todavia, muitas vezes, a ausência das palavras em alguns momentos também pode trazer novos sentidos e novas interpretações daquilo que estamos vendo. Não quero dizer a ausência completa das palavras, mas sim o silêncio que podem surgir entre elas dando uma força maior ao que se está sendo dito, ampliando significados, criando falas interiores. Ou seja, os silêncios existentes entre as falas de uma peça teatral, por exemplo, dão muita ressonância para os atores que estão em cena, isto é, criam muitas palavras que não precisam ser necessariamente expostas, mas que ficam no interior, no pensamento. Duarte Jr. (1994) ainda completa: “este é o jogo do sentir e do pensar, já que o pensamento sempre se dá através de palavras” (p.23).

Da mesma forma que o silêncio atua em uma peça ele também atua na vida. Quantas vezes em uma roda de amigos não falamos nada, mas nossa cabeça está à mil? É comum participarmos de discussões em que os pensamentos são diferenciados, e ao ouvirmos essas diversas opiniões são criadas palavras em nossa mente que concordam ou discordam do que está sendo dito. Tenho amigos, que tem bastante essa reação de criação de palavras no pensamento, e quando se sentem à vontade para falar, desabafam sobre o assunto que foi falado anteriormente. Mas as reações vão se alterando de pessoas para pessoas. Tem essas que desabafam, tem outras que só pensam, e tem aquelas que ainda trazem emoções ao que escutam, isto é, se deixam afetar.

Sejam as palavras verbais ou não verbais, ou seja, expostas ou interiorizadas, todas elas têm sua importância sim, cada uma com seu significado e sua função, seja no texto teatral ou no dia a dia. E é o ensino de teatro que trabalha estas experiências com as palavras e explora as diversas formas que elas aparecem para

os alunos. Uma das propostas conhecidas para construir este trabalho são os jogos teatrais, que serão tratados a seguir.

4 – JOGOS

4.1 – Jogos Teatrais

O jogo, que também é visto como brincadeira, desempenha funções psicossociais, afetivas e intelectuais básicas, no processo de desenvolvimento infantil. A brincadeira apresenta-se como uma atividade dinâmica que satisfaz a necessidade de uma criança. Assim considera Vygotsky (1991):

(...) se ignoramos as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio do desenvolvimento para outro, porque todo avanço está conectado com uma mudança acentuada nas motivações, tendências e incentivos. (p.105)

E é justamente as mudanças do Ensino Infantil para o Ensino Fundamental que queremos ver ao trabalhar e aprofundar o aprendizado dessas crianças. Um dos métodos mais utilizados para colocá-las em ação, seja individualmente, seja coletivamente são os jogos teatrais.

Portanto, o jogo no meio escolar é importante para a criança ter este avanço intelectual e social. Além disso, o jogo na escola pode muitas vezes servir como uma forma de organização dos próprios professores, pois de acordo com Huizinga, o jogo:

(...) cria ordem e é ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a esta "estraga o jogo", privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor. (HUIZINGA, 2000, p.11)

Então, se os professores souberem conduzir tais jogos, uma ordem será estabelecida e os jogos então se tornarão importantes suportes metodológicos para

o ensino, pois “compreender o jogo é compreender a infância”. (Jacquin (1963, p.15).

Mas o que é esse jogo teatral proposto para o ensino de teatro? Podemos dizer que o teatro é visto como jogo e o ator é o seu jogador. Os jogos teatrais são muito utilizados em escolas e oficinas, e cada um deles tem um objetivo diferente, seja para entrosar a turma, pois “o jogo representa uma forma básica das relações humanas” Neto (2003, p.229), ou para entenderem e praticarem o fazer teatral, por exemplo. Mas antes de tudo, deve ficar claro que jogo é brincadeira! Mas uma brincadeira que deve ser levada a sério por permitirem acessar diversos aprendizados são sensibilizados por meio da linguagem corporal expressiva do teatro.

Iremar Maciel de Brito (UNIRIO/UERJ) escreveu um artigo muito interessante falando sobre O Jogo Teatral na Pedagogia da Criação Cênica, e no texto dele há o seguinte resumo sobre o tema:

Trata-se de uma atividade que não é em si mesma tranquila, pois exige do participante uma disponibilidade para viver esse risco. Mas para se jogar não é necessário apenas assumir os riscos do jogo, mas também conhecer seus fundamentos, que orientam o jogador em cada movimento, isto é, na criação da jogada (BRITO, 2009, p.2).

De acordo com ele e com alguns autores, o jogo teatral é onde podemos errar e nos arriscar, pois é errando que se aprende. Além do aprendizado, o jogo é também uma forma de se divertir e no olhar de Viola Spolin, “o jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência” (SPOLIN, 2010, p.4), experiências essas que serão abordadas na escola e levadas para a vida.

Sabemos que as escolas mantêm tradicionalmente seus alunos sentados em cadeiras e o professor na frente explicando a matéria e tirando dúvidas mesmo sabendo que não é uma metodologia funcional. Mas por que utilizar apenas esta metodologia quando podemos ter formas mais dinâmicas de ensino?

Uma das qualidades dos jogos, é que eles podem abranger diversas disciplinas e vários modos de serem executados. Quando estamos fazendo algo que gostamos a ação de aprender fica muito mais fácil e cativante, além de estarmos muitas vezes trabalhando o corpo ao invés de ficar inerte.

Em qualquer um dos jogos assim como nas brincadeiras existem as regras. E são as regras que fazem os jogos acontecer, porque se não houvessem as regras, o objetivo do jogo não seria alcançado assim como os jogadores não conseguiriam fazer o jogo se desenvolver. Além disso, Segundo Kishimoto (1994, p.40), para Piaget, “a regra pressupõe a interação de dois indivíduos e a sua função é regular e integrar o grupo social”. Portanto, o jogo é formativo e estruturador de estratégias diversas que atuam no desenvolvimento humano.

A figura a seguir, mostra uma regra difícil de ser cumprida por muito tempo com crianças pequenas, que é permanecer de mãos dadas. Para que o jogo aconteça o interesse dos alunos na conquista do objetivo do jogo será determinante.



Figura 3

Porém, para que o jogo teatral aconteça é preciso que o professor busque a motivação da turma. Não tem como fazer atividades teatrais sem interação e sem vontade, tanto dos alunos, como do professor, pois no teatro tudo é à base de comunicação e expressão, o corpo fala.

A falta de interesse dos alunos, muitas vezes, faz com que o professor também perca a empolgação, e vice-versa. Então a cada aula, ambos fazem menos questão de estar ali e ensinar/aprender algo que realmente possam levar para a vida. Mas, isso é parte de uma pedagogia tradicional que exercitamos para superá-la.

Uma forma de mudar este processo, é trazer jogos que estimulem os alunos, seja com um tema que os atraia, ou que esteja na moda, enfim, há diversas maneiras de cativar os alunos e fazer com que eles tenham o interesse em participar. Basta o professor demonstrar interesse, se aproximar dos alunos, e além disso se atualizar sempre para não se tornar repetitivo nas propostas, e assim mostrará interesse e que também faz parte do processo.

Deste modo, ao preparar as aulas, e realizar jogos com diferentes propostas os alunos irão desenvolver aos poucos certas habilidades artísticas, que de acordo com Sueli Ferreira (2009, p.24) “pode ser uma das maiores fontes de satisfação pessoal para o aluno, contribuindo para elevar sua autoestima”.

Segundo Berbaum, citado por Altet (1997, p.52), “o papel do professor é fazer aprender melhor, através da organização de um ensino que respeite as fases e a lógica da aprendizagem, para ajudar os alunos a tomar consciência daquilo que supõe aprender”. Ou seja, o professor deve agir para que os alunos possam aprender.

As escolas, numa grande maioria, não oferecem um ambiente adequado para uma aula prática de teatro. As salas possuem diversas cadeiras, que mesmo afastando-as nos faz perder um espaço significativo para os exercícios. Contudo, nada é impossível de ser feito. Por muitos anos, se é trabalhado com o que tem. Se não possuo uma caneta, escrevo com giz, se não tenho acesso à internet, consulto os livros, se não tenho o ambiente perfeito, uso o que me é ofertado da melhor maneira possível. Contudo, é importante querer e lutar pelo ideal, pelo o que acreditamos.

O tempo de aula ofertado também não é o ideal. Claro que é possível fazer atividades no período de tempo proposto, mas elas não geram um mesmo aprendizado quando são feitas em uma velocidade acelerada. Porém, é possível se chegar ao objetivo da atividade, não que seja obrigatório chegar até ele, se preparamos a aula com antecedência e reorganizarmos as atividades no tempo oferecido. O que quero dizer com isso é que o processo, ou seja, a vivência, a experiência prática do fazer teatral é mais importante que o resultado final.

De acordo com a autora e orientadora Ângela Café é possível perceber: “Quando um jogo proposto na escola, oferece oportunidade e ambientes propícios a aprendizagens criativas por que livres e espontâneas, sem cobranças de resultados

impostos dessa ou daquela maneira.” (CAFÉ, Ludicidade e Jogo, 2010). Ou seja, devemos nos preocupar com o processo que está sendo realizado ao invés de focar a atenção nos resultados. E em relação ao local, não importa o ambiente e nem o tempo dado, são as pessoas que estão participando das aulas que fazem os jogos e as atividades acontecerem. O importante é que ao realizá-los, chegando à um resultado ou não, geram pensamentos e questionamentos, como: “e se tivesse sido feito de outra maneira” ou “da próxima vez podemos tentar algo diferente”. É para isso que os jogos existem. Para ensinar as crianças de uma outra maneira.

4.2 – Jogos com palavras

Por que não juntar ao jogo o aprendizado? “A criança aprende a estruturar a linguagem através do jogo, isto é, brinca com verbalizações e, ao fazê-lo, generaliza e adquire novas formas linguísticas” (NETO, 2001, p.195). Portanto, ao dominar as palavras, de uma certa forma, podemos expandir um pouco mais o conhecimento dos alunos e explorar as diversas áreas que as palavras podem nos trazer.

Como vimos anteriormente, as palavras podem nos trazer sentimentos, intenções, emoções, explicações e uma linguagem corporal diferente. Por isso, darei aqui o exemplo de um jogo que trabalha todos esses elementos ao mesmo tempo, e que ajuda os participantes a compreender melhor os personagens que são trazidos ao jogo.

O jogo se chama A Personagem Vazia, e foi retirado do livro de Augusto Boal, Jogos para Atores e Não Atores (2015, p. 210):

“ O protagonista pensa em uma pessoa real que ocupa um papel repressor em sua vida. Mas não se trata de conceitos abstratos como o “sistema de ensino”, “o capitalismo” ou “a globalização”, e sim uma pessoa concreta”.

Os alunos devem formar duplas e ficar um de frente para o outro. Um deles será o protagonista, aquele que pensa na pessoa real, e o outro será a “personagem vazia”, que não sabe em quem o protagonista está pensando. A partir daí o professor irá dar comandos, como: “O corpo”. Partindo deste comando o aluno protagonista deverá pensar e transmitir com o corpo a pessoa em quem está

pensando. E assim o jogo continua com diversos comandos feitos pelo professor, aos quais o aluno protagonista deverá seguir, mas sempre pensando com as palavras intensamente, se segurando para não dizer o que está pensando, pois com o tempo os comandos vão evoluir para sons, voz e finalmente o diálogo.

Ao mesmo tempo em que o aluno protagonista está transmitindo as informações sobre quem ele está pensando, a “personagem vazia” deverá corresponder às ações com o mesmo nível, “e na medida em que sentir quem é o repressor, onde está e qual é a relação dos dois” (2015, p.211). No fim do jogo a personagem vazia explica o que entendeu do protagonista.

Uma qualidade deste jogo é que ele não tem erros, isto é, o aluno que observou tem o seu entendimento sobre o que viu por conta da atuação do outro. Se ele viu “um lobo” em vez de “um cachorro” é porque o protagonista contou com características de um lobo. Com isso o lugar do erro colocado pela escola tradicional é desconstruído, dando espaço para a autonomia do aluno.

Outra qualidade deste jogo são as várias linguagens trabalhadas e que podem ser desenvolvidas durante a atuação do ator, como: 1) a linguagem das palavras; 2) a linguagem da voz; 3) a linguagem do corpo; 4) a linguagem do corpo no espaço; 5) a linguagem inconsciente.

Então, é possível ver que este jogo requer muita concentração e conhecimento do que se está fazendo, pois tem bastante comandos a serem seguidos para que haja um desfecho.

Como experiência e curiosidade, tentei trazer o jogo para alguns alunos entre sete e oito anos, porém tornando os comandos um pouco mais simples e diretos, pelo fato deles não terem a concentração necessária para passar por todas as fases propostas por Boal (2015).

No início, o jogo deu certo, alguns foram trazendo personagens mais caricatos, com olhares diferentes e sons com bastante potência, porém quando os alunos que estavam de personagens vazias começaram a descobrir o que o protagonista estava interpretando, eles já falavam o que era e se acertassem o amigo dizia que estava certo e jogo acabava sem ter o desfecho da conversa e sobre o por que e como a personagem vazia sabia o que outro estava interpretando.

Nesta idade em que fiz o experimento, é difícil ter o silêncio e a concentração necessária para que o exercício se realize como o esperado. Mas eles conseguiram fazer um bom tempo do jogo como se deveria.

Embora o foco do trabalho seja a criança do ensino fundamental, vale a pena comparar com a turma de adolescentes entre 14 e 16 anos: o jogo se deu mais tranquilamente e com maior intensidade. Propus o jogo para outro professor e este topou realiza-lo em sua aula, a qual assisti para ver como a diferença de idade torna o jogo mais focado e sério. Claro que ambas as turmas utilizam de artifícios diferentes para demonstrar as personagens que escolheram, mas as duas dão muitas ideias para os professores de como fluir nas atividades e a testar também suas criações e interpretações.

Todavia, existem muitos outros jogos que trazem as palavras, seja elas ditas, pensadas, traduzidas em uma língua existente ou não; cada um com sua importância e objetivo.

Um deles é o jogo que se chama Blablação. Neste jogo, o professor deve instruir os alunos a venderem ou demonstrar algum objeto para a plateia, em blablação, isto é, uma língua inexistente, criada por eles mesmos. E quando terminam, repetem o exercício dando maiores entonações àquilo que estão vendendo. Quando terminada esta etapa, os alunos irão vender o mesmo objeto, só que desta vez utilizando o português, pois imaginamos que ao falar em blablação, o aluno já tivesse pensado o que realmente estava querendo dizer.

O exercício citado pode ter várias vertentes, como criar diálogos e formar cenas. Seu objetivo é criar a comunicação entre os alunos e a plateia, pois estará apresentando um objeto a alguém, isto é, uma forma de interação.

Outro exercício que utiliza apenas uma palavra é o jogo do “sim”. O jogo é feito em roda para todos se verem. O aluno A que inicia o jogo deve olhar fixamente para outro aluno B, e quando este perceber deve dizer a palavra sim, e então o aluno A deverá andar na direção do aluno B, enquanto A está andando, o aluno B deve buscar o olhar do aluno C, que por sua vez dirá sim ao aluno B que irá andar na direção de C e assim sucessivamente. Porém, uma regra do jogo é não deixar que B

chegue no lugar de A antes dele sair, tornando assim um exercício de concentração e atenção.

Segundo Lee, citado por Chateau (1975) : “(...) se observares uma criança que brinca, creio que a minha primeira coisa que vos chocará será a sua seriedade” (p.25). E ao realizar este jogo com turmas do ensino fundamental, fiquei em choque por ter tido uma grande surpresa. Em poucos minutos eles já conseguiram dominar as regras e a realizar o exercício sem muitas dificuldades. Em uma turma com 15 alunos, apenas três não conseguiram realizar o jogo com autonomia, precisavam de instruções para que o jogo tivesse andamento. Alguns ao fim do jogo teatral disseram que estavam cansados e que era chato, o que é uma reação normal por ser uma atividade mais parada e que exige bastante concentração por um período de tempo.

Já o jogo Eu te amo ou, eu te odeio mexe um pouco mais com as emoções dos alunos, principalmente os mais velhos. Funciona da seguinte forma: o professor divide os alunos em duplas e estes devem olhar para os olhos do parceiro e dizer a frase que o professor determinar, seja eu te amo ou eu te odeio. Contudo, não é apenas ficar dizendo esta frase sem parar. Os alunos devem testar diversas formas de dizer essas frases com a intenção de afetar o parceiro e fazê-lo acreditar que você realmente sente aquilo por ele. Na maioria dos casos, os alunos fazem duplas com quem são mais próximos, o que torna o exercício mais intenso e interessante.

O jogo anterior trabalha a intensidade da voz, da palavra e do sentimento. Trabalha também a naturalidade e a veracidade das palavras sendo ditas. Requer concentração e entrega dos alunos.

Os alunos entre 7 e 9 anos não levaram este jogo muito a sério, pois dizer “eu te amo” e “eu te odeio” acaba se tornando algo engraçado. Além disso, eles não trabalharam a veracidade que estas expressões causam, buscaram mais as formas caricatas e estereotipadas de as dizerem.

Um jogo muito utilizado com crianças do ensino fundamental para trabalhar a criatividade e imaginação é o “Freeze”. Neste jogo o professor escolhe dois alunos para improvisar uma cena com local determinado por ele. Com isso, os alunos têm o direito de imaginar uma situação naquele lugar e interagir um com o outro. Quando o

professor falar “freeze”, os dois que estavam na cena virão estátuas, e um aluno que está na plateia é selecionado para ir na cena, retirar um aluno, pegar a posição em que o outro estava e propões uma nova cena, em um ambiente completamente diferente. E o aluno que ficou deve aceitar a proposta e se colocar na cena com o novo amigo. E assim acontece até todos participarem.

É um exercício que instiga a imaginação das crianças, pois é este mundo do faz de conta que as leva para uma realidade e transforma a maneira do aprendizado.

Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuantes e espectadores. (BNCC, 2017, p.194)

De acordo com os currículos das escolas e os requisitos que os professores devem seguir em suas aulas, a maneira mais eficiente de realizar as atividades no ensino fundamental e de ensinar arte e desenvolver o aprendizado que os alunos tem em outras disciplinas, principalmente o letramento e a alfabetização, que são elementos importantes para o fazer teatral assim como a linguagem em si, é a utilização de jogos teatrais.

Como os jogos tem um leque de possibilidades e diferentes objetivos é muito mais prazeroso ensinar e aprender, isto é, colocar em prática aquilo que vivemos e adquirimos na escola. Além disso, os jogos trabalham tanto o coletivo como o individual, e a interação e comunicação que eles proporcionam nas salas de aula e fora delas é algo que as crianças levam para a vida.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitos anos, nós, seres humanos, conhecemos e frequentamos/deveríamos frequentar, um ambiente que foi definido, de acordo com o dicionário online de português, como: “o que proporciona instrução, experiência” ou “estabelecimento onde se ensina”. Claro que estamos falando da escola, um local que está no direito de todos terem acesso, mas que infelizmente essa regra não se encaixa na sociedade brasileira da atualidade.

Nós passamos um bom período de nossas vidas indo para as escolas, pois é lá que aprendemos o básico sobre aquilo que nos rodeia. Por exemplo, é na escola que aprendemos a língua portuguesa com todas as suas regras, que nos colocam ou deveriam colocar em “igualdade” de condições. Mas só se aprende na escola? Não. Como já foi dito, nem todos tem acesso a ela, então aprendem fora com os pais, igreja, na rua, isto é, no modo que encontram de adquirir conhecimento.

Porém, é na escola que começamos a nos firmar na sociedade e a nos desenvolver como pessoas. Quando bebês já tínhamos relações com a família e parentes próximos, mas no ambiente escolar as novas relações são diferenciadas por estarmos sozinhos e com desconhecidos.

Falando sobre os anos iniciais, um modo de se conseguir a socialização e desenvolvimento dos alunos, é por meio de atividades como músicas, jogos, esportes, teatro, desenhos, entre outros. Através desses métodos, quando estão aprendendo, é comum conversarem entre si, se juntarem em grupos e a falar sobre a atividade que está sendo repercutida, fazendo assim com que aconteça uma socialização entre elas.

Em suma, para que haja comunicação, socialização e desenvolvimento, é necessário que as palavras, a expressão corporal e o tom de voz sejam trabalhados em conjunto, assim como o modo de se vestir e os gestos também ajudam para uma melhor apresentação e impressão que são pré colocados na sociedade.

E é a partir daí que passam a se desenvolver mais e mais. Não significa que para se desenvolver ela tenha que socializar antes, é um processo que caminha junto, desenvolvimento e socialização se completam.

A criança chega à escola levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém o ambiente escolar será uma peça fundamental no seu desenvolvimento. Estes três elementos – aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambiente escolar – constituirão o tripé do processo educacional (OUTEIRAL, 2003, p.8/9).

Não é somente a escola que tem a função de socializar, educar e desenvolver a criança. A família também, por ser responsável por este processo de transformar a criança em um indivíduo crítico e socializado com poder de opinião.

Mas como o teatro entra ainda mais nesse assunto? O teatro, por abranger diversos temas que pertencem à sociedade, pode ser visto como forma de processo, explicação, atividade, enfim, podemos dizer que o teatro assim como todas as artes são os curingas do mundo.

Como vimos anteriormente, o teatro é uma boa solução para trabalhar a timidez e baixa estima das pessoas, não só das crianças. Todavia, além de trabalhar essas características, o teatro ao mesmo tempo incentiva a socialização e aprimora o desenvolvimento destas crianças, se tornando assim imprescindível no ambiente escolar assim como as outras linguagens artísticas, cada uma com sua função.

As artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento. Em contato com as artes e ao realizarem atividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolam o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano é um ser cultural, essa é a razão primeira para a presença das artes na educação escolar (FERREIRA, 2009, p. 32).

Podemos então concluir, que a socialização se dá por meio das experiências que vão sendo adquiridas no processo de aprendizado das escolas juntamente com a presença das artes, assim como os da vida, e ainda ocorre o desenvolvimento do ser humano em geral.

Além disso, como neste trabalho estamos focando as palavras, podemos ainda dizer que o teatro faz com que a comunicação e socialização fique ainda mais fácil. Por que? Porque ao fazer exercícios e criar cenas, estamos em constante contato com outras pessoas de forma que precisamos solucionar problemas ou dar ideias para melhorar os trabalhos.

Ao praticarmos atividades de improviso, por exemplo, temos que pensar em uma maneira de resolver o problema da cena como se estivéssemos na vida real. Não é apenas gritar e fazer caras e bocas, precisamos ser inteligentes e trabalharmos em cima de experiências que já nos ocorreram ou já vimos acontecer no dia a dia, e se elas funcionaram repetir no exercício, mas caso não tenha sido um bom resultado pensar em outra forma de solucionar a cena em questão.

Quando praticamos exercícios como este, ficamos acostumados e tranquilos para encarar o nosso cotidiano, pois se erramos na escola, o professor nos dará o

feedback e mostrará a melhor forma de agir naquela situação. E vendo os exemplos dele nós desenvolvemos nosso pensamento e nossa forma de agir, facilitando assim nossa comunicação com outras pessoas.

Claro que isso dito foi apenas um exemplo de exercício praticado nas aulas, mas o que mostramos aqui foi uma forma diferente de se desenvolver e de se socializar. Muitas pessoas procuram este método, pois ao mesmo tempo que aprendem a se virar, se divertem.

Levando em consideração esse “saber se virar”, foi justamente o que eu mais exerci na escrita deste TCC. Não foi nada fácil encontrar o caminho que eu queria percorrer neste processo, pois quando eu pensava em escrever sobre algo, mil outras ideias vinham à minha mente e se misturavam dentro do tema.

Porém, ao encontrar um foco e aproveitar a minha experiência com alunos do ensino fundamental, foi muito mais prazeroso escrever, porque é um assunto que eu vejo e participo bastante, além de poder experimentar e tirar as minhas conclusões sobre alguns assuntos abordados. Além disso, pude me aprofundar na etapa que eu mais me identifico nas escolas, a alfabetização e o letramento, e aprender novas técnicas, meios e entendimentos sobre o trabalho do professor de teatro dentro da escola. Estudar o que acontece e como o teatro poderia ser melhor aproveitado nas escolas abriu os meus olhos e minha mente para o futuro, onde quero fazer a diferença neste meio e ser uma excelente professora.

Finalizar este TCC e estar me formando me traz muitas sensações, como: orgulho, por eu ter conseguido chegar até aqui; felicidade, por ter feito um curso que eu amo; medo, pois agora irei enfrentar o mundo lá fora nesta profissão que tem tantas lutas; despreparo, pois apesar de ter amado minha vida acadêmica, senti uma falha na educação do nosso curso, tanto com alguns professores como com o currículo; mas acima de tudo esperança, de que eu consiga exercer minha profissão com dedicação e que esta seja aceita pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALTET, M. As pedagogias da Aprendizagem. Lisboa, Coleção “Horizontes Pedagógicos” do Instituto Piaget. 1997.
- BOAL, Augusto . Jogos para atores e não atores. São Paulo, Cosac Naify, 2015.
- BORBA, A.M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In Brasil, Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade (p. 33-45). Brasília, DF: FNDE, Estação Gráfica, 2006.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 7. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC. Brasília, DF, 2017. Disponível em : <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>> Acessado: junho 2018
- BRITO, Iremar. Jogo teatral na pedagogia da criação cênica. O percevejo online.2009. Disponível em:
<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/527/470>
- CAFÉ, Angela Barcellos. Ludicidade e Jogo. 2010
- CHATEAU, J. A Criança e o Jogo, Coimbra Atlântida Editora. 1975
- DAVINI, Silvia. Vocabulário e Cena: tecnologias de treinamento e controle de ensaio. Folhetim. 2002
- DUARTE JR., João Francisco. Por que arte educação?. Papyrus Editora. 7ª Edição.1994.
- FERREIRA, Sueli. O Ensino das artes – Construindo Caminhos. Papyrus Editora. 7ª edição. 2009.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 2000. Disponível em <http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf>

- JACQUIN, G. A Educação Pelo Jogo, S. Paulo: Livraria São Paulo, Editora Flamboyant. 1963
- KISHIMOTO, T. O Jogo e a Educação Infantil, S. Paulo: Thomson Pioneira. 1994
- LIGNELLI, César .Sons em Cena – Parâmetros do som, Dulcina Editora. 2014
- MATOS, Gislayne Avelar. A Palavra do contador de histórias. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NETO, C. Jogo & Desenvolvimento da Criança. Lisboa: F.M.H. Edições. 2003
- OUTEIRAL, José . O mal estar na escola. Rio de Janeiro: Revinter. 2003
- TRUCOM, Conceição. Mente e Cérebro poderosos - Editora Pensamento-Cultrix. 2010.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SOARES. Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva. 2010.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator.** 31.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- _____. **A construção da personagem.** 23.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- _____. **A criação de um papel.** 18.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013
- VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991

WEBGRAFIA

- LEGEY, Roberto. 2016. <<http://pensopositivo.com.br/a-importancia-das-palavras/>> as 17:00 do dia 28/02/2018 :
- SIGNIFICADOS: <<https://www.significados.com.br/palavra/>> acessado em fevereiro de 2018

